

RECENSÃO CRÍTICA DE LIVRO

Autor:

Michel Kabalan

michel.kabalan@gmail.com

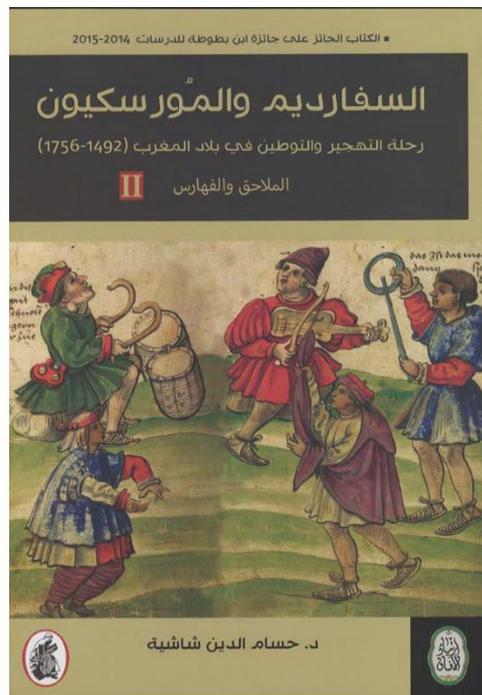
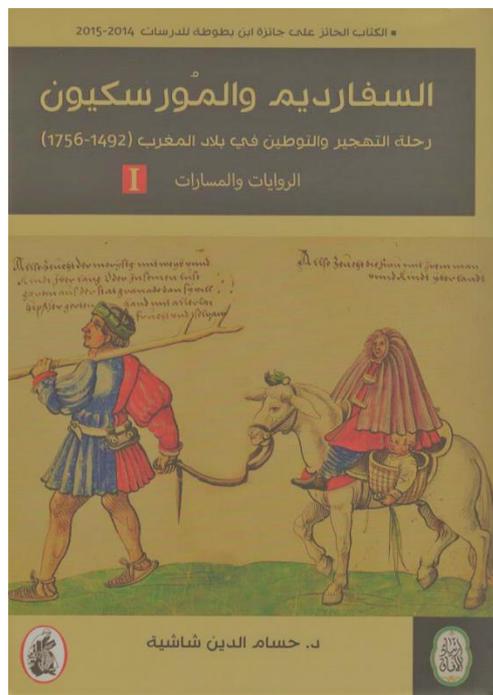
Título:

Houssem Eddine Chachia, *Os Sefarditas e os Mouriscos a viagem/peripécia de expulsão e relocação nos países do Magrebe (1492-1756)*, 2 volumes, Bayrūt: al-Mu'assasa al-'Arabiyya li al-Dirāssaṯ wa al-Našr, 2015.

Como citar esta recensão:

Michel Kabalan, “Recensão crítica a Houssem Eddine Chachia, *Os Sefarditas e os Mouriscos a viagem/peripécia de expulsão e relocação nos países do Magrebe (1492-1756)*, 2 volumes, Bayrūt: al-Mu'assasa al-'Arabiyya li al-Dirāssaṯ wa al-Našr, 2015”, in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 2, 2017, pp. 195-199.

DOI: 10.21747/21839301/gua2rec5



HOUSSEM EDDINE CHACHIA, OS SEFARDITAS E OS MOURISCOS A VIAGEM/PERIPÉCIA DE EXPULSÃO E RELOCAÇÃO NOS PAÍSES DO MAGREBE (1492-1756). 2 VOLUMES, BAYRŪT: AL-MU'ASSASA AL-'ARABIYYA LI AL-DIRĀSSĀT WA AL-NAŠR, 2015. (768 PP.; ISBN: 978 61441 958 1 9)

O estudo seminal do autor Housseem Eddine Chachia, professor da Universidade de Sfax, na Tunísia, e premiado em 2015 com o prémio Ibn Battuta, é um trabalho magistral de dois volumes que, no seu conjunto, ultrapassa as 750 páginas. Trata-se de um trabalho que resulta da sua tese de doutoramento, que teve por tema central o estudo da expulsão de mouriscos e sefarditas da Península Ibérica fundamentado em fontes documentais. O segundo volume compila a documentação, muita da qual inédita até à data, e que serve de base ao estudo publicado no primeiro volume. A documentação é disponibilizada ao leitor na língua original, e tendo o autor recorrido a documentação escrita em várias línguas (árabe, espanhol, hebraico), um facto que, só por si, confere a este trabalho uma grande importância. A edição é ainda acompanhada de um exaustivo índice temático e de uma extensa bibliografia, dividida entre manuscritos, estudos e documentação.

O estudo apresentado no primeiro volume divide-se em quatro partes. A primeira parte é dedicada à descrição dos documentos e fontes arquivistas dos diversos centros de arquivos mouriscos em Espanha (Múrcia, Saragoça, Madrid, etc). A segunda parte é

consagrada às narrativas da expulsão e do exílio na versão oficial espanhola e nas narrativas e diversos relatos dos escritores sefarditas. Na terceira parte, o autor analisa as narrativas mouriscas e os itinerários geográficos e sócio-religiosos das populações expulsas que primeiramente se deslocaram dentro da Península Ibérica e, depois, na direcção do Magrebe, as narrativas sobre os que permaneceram e os que voltaram ou tentaram voltar às terras de Espanha. A quarta parte é dedicada à chegada das populações expulsas aos territórios de Marrocos e da Tunísia, bem como à definição de dois momentos desta chegada.

O primeiro diz respeito à chegada propriamente dita, o segundo está relacionado com a forma como essa chegada foi tratada pelas autoridades, as relações com as sociedades de acolhimento ou de recepção e, especificamente, no caso dos sefarditas, a relação com a comunidade judaica local.

O estudo foi feito com base em documentação conservada na Tunísia e em Marrocos. De fora do espectro deste trabalho ficou o material conservado na Argélia, excluído em virtude das dificuldades de acesso aos arquivos públicos e privados argelinos.

Como o próprio autor esclarece, este livro é a primeira obra escrita em árabe que se propõe realizar uma aproximação comparatista da expulsão dos mouriscos e dos sefarditas do al-Andalus. Até à data, era habitual nos estudos históricos em árabe usar exclusivamente fontes e documentação em árabe e francês, não tendo em conta a documentação em espanhol. Por outro lado, faltava ainda cobrir a documentação e os arquivos do lado do Magrebe, um esforço que o autor descreve como a *grande história* perante a *pequena história*.

Na mesma senda, o autor considera que, na historiografia árabe contemporânea, o paradigma seguido até agora estava refém de uma lógica que visava glorificar o passado dos árabes no al-Andalus, sem no entanto adotar princípios de rigor científico, necessários a um bom trabalho académico. Por outro lado, e por razões políticas, nenhum investigador árabe se preocupou em estudar a história da expulsão dos judeus sefarditas, história essa que o autor considera apresentar traços comuns com a expulsão dos mouriscos, ainda que tenham ocorrido em séculos diferentes.

Adoptando uma perspectiva metodológica que privilegia uma abordagem mais global e de inspiração *braudeliana*, em detrimento da história muito especializada ou micro-história, o autor descreve o método de trabalho recorrendo à metáfora, em que o trabalho se constrói como um grande puzzle, no qual as várias narrativas precisam de ser enquadradas primeiro numa moldura geral, sendo em seguida necessário procurar as peças mais pequenas, para assim ser possível completar tal puzzle.

Este estudo tenta enquadrar a expulsão através da investigação da diversidade do espectro de razões religiosas, económicas e políticas que poderão estar por trás deste acontecimento. Uma das reflexões mais importantes do autor sobre a matéria tratada prende-se com o nascimento de um tipo de pensamento particular que cresceu no espaço mediterrânico entre a segunda metade do século XV e início do século XVII. Este

pensamento, que o autor denomina de exclusivista, reflete-se nas duas margens do Mediterrâneo, embora de formas distintas. Na Península Ibérica, caracteriza-se pela conversão religiosa dos praticantes de religiões minoritárias, como é o caso do Islão e do Judaísmo, ao Catolicismo. Na margem sul, ocorre a integração dos recém-chegados nas novas sociedades de acolhimento entre a actual Tunísia e Marrocos. O autor pretende assim destacar o facto de que as sociedades das margens sul e norte do Mediterrâneo – a sociedade de expulsão e a de inclusão, respectivamente – tentaram, em diferentes graus e maneiras, absorver estas duas minorias ibéricas. Contudo, também é evidente que, tanto os sefarditas como os mouriscos, mostraram resistência a essa absorção e procuraram conservar as suas tradições culturais e religiosas.

Outro aspecto salientado pelo autor está ligado à questão étnica e à relação com a definição do exclusivismo religioso. Embora o recurso à pureza de sangue como fator distintivo na sociedade espanhola datasse já dos finais do século XV, foi durante o reinado de Filipe III que práticas políticas exclusivistas de cariz étnico se generalizaram. A ideia de pureza religiosa/étnica foi-se impondo gradualmente à medida que a religião e a religiosidade passaram a ser definidas geneticamente ou através da descendência familiar, numa altura em que o baptismo em si deixa de ser entendido como único meio válido de cristianização. O estudo de Chachia mostra amplamente a existência de uma divisão entre cristãos novos e cristãos velhos, bem como as consequências dessa estratificação. Ao adoptar um critério étnico ou genético, o reino espanhol bloqueou totalmente qualquer projecto de incorporação ou de adaptação dos novos convertidos nas sociedades ibéricas, tendo originado as primeiras expulsões colectivas em 1609. Note-se que as autoridades foram também implacáveis na rejeição destas comunidades. Tal comportamento está patente na não aceitação de um possível regresso de convertidos, mesmo que estes demonstrassem uma religiosidade exacerbada ou fossem detentores de riquezas e estatutos sociais dominantes.

Após investigação detalhada destas causas, o autor conclui que, na origem do projecto de expulsão está o que designa como “identidades assassinas”. Esse conceito, forjado por Amin Maalouf, considera que uma identidade é reduzida a uma única só, numa primeira fase (finais do século XV) a uma identidade cristã, tornando-se num segundo momento, a partir do século XVII, numa identidade genética cristã que propositadamente ignora as múltiplas formas de identidade e diferenças culturais das duas minorias ibéricas.

A única crítica assinalável neste estudo prende-se como o facto de, apesar de o autor procurar investigar toda a Península Ibérica, pouca atenção ter sido dada ao território português. Há, portanto, espaço para levar a cabo um estudo comparativo do mesmo tipo aplicado a Portugal.

O trabalho de Chachia vem, neste sentido, preencher uma lacuna histórica e epistemológica: um estudo feito com material proveniente dos lados do Mediterrâneo e que visa a sincronizar a documentação sobre a expulsão destas populações nos

territórios de Espanha e a respectiva redistribuição entre os territórios dos actuais Tunísia e Marrocos. O trabalho dá também atenção ao processo de inclusão no Magrebe, apontando os sucessos e os limites dessa inclusão. Ao mesmo tempo, mostra que a definição da identidade, uma questão pertinente para o nosso tempo, era uma questão central para a Espanha dos séculos XV e XVI. Ao mesmo tempo que a definição de identidades dita a separação e expulsão das comunidades mouriscas e sefarditas, este estudo mostra que face à adversidade por elas experienciada, surge uma solidariedade que se consolida a partir da mesma origem ibérica.

Michel Kabalan